

Conhecer as pessoas atendidas (critérios de maturidade, temperamentos, virtudes e vícios)¹

1. Alcançar a pessoa em sua totalidade

Uma expressão clássica no cuidado pastoral é "cura das almas". Tenho que admitir que isso me causa uma certa repulsa instintiva, porque parece sugerir que, assim como o médico deve cuidar do corpo, cabe aos sacerdotes tratar da alma. Seriam esferas bem delimitadas e não caberia a nenhum dos dois invadir o terreno do outro. No entanto, essa expressão leva ao risco de que os sacerdotes caíam no espiritualismo: a pensar que todos os problemas das pessoas que nos procuram serão resolvidos rezando mais, vivendo o esquecimento de si, crescendo em virtudes, etc.

Acho que a expressão só é válida se tivermos consciência de que se trata de uma figura retórica, que se chama metonímia, e que consiste em chamar o todo com o nome de uma parte (como acontece quando nos referimos ao árbitro de uma partida de futebol chamando-o de "o apito"). A alma é apenas uma parte. Nós tratamos pessoas e nossa missão é levar para Deus a pessoa inteira, em sua riqueza, em sua totalidade e, às vezes, em sua complexidade.

Pode servir-nos de referência a seguinte citação de Mons. Ocariz, Prelado do Opus Dei, escrita em sua primeira Carta Pastoral aos fiéis da Obra e às pessoas que se aproximam de seus apóstolados. Depois de estabelecer como objetivo pessoal colocar Jesus no centro de nossas vidas, ele propôs este objetivo apostólico:

alcançar a pessoa em sua totalidade: inteligência, vontade, coração, relações com os outros; fomentar a liberdade interior, que leva a fazer as coisas por amor; ajudar a pensar, para que cada um descubra o que Deus lhe pede e assuma as suas decisões com plena responsabilidade pessoal; alimentar a confiança na graça de Deus, enfrentar o voluntarismo e o sentimentalismo; expor o ideal da vida cristã sem confundir-lo com o perfeccionismo, ensinando a conviver com a própria debilidade e com a dos outros; assumir, com todas as suas consequências, uma atitude cotidiana de abandono esperançoso, baseada na filiação divina².

Alcançar a pessoa em sua totalidade. Eu gostaria de falar sobre isso nas três aulas que eu vou dar nestes encontros. Pressuponho que são conhecidos os componentes especificamente espirituais (vida de oração, mortificação, virtudes teologais e cardeais...) e vou me referir mais a alguns componentes humanos que vale a pena levar em consideração.

2. Critérios de maturidade

a) O que é a maturidade

Qual educador não se irritou alguma vez, ao ver o infantilismo das crianças, adolescentes e jovens que dependem dele, e não deixou escapar esta recriminação: "vamos ver quando você amadurece!?" Quem nunca recebeu essa reprimenda? Mas, mesmo que o interpelado reconheça suas deficiências, ele pode responder com outra pergunta: "Em que eu tenho que amadurecer?" Pois é muito mais fácil melhorar quando nos apontam objetivos concretos e avaliáveis.

Talvez eu devesse começar oferecendo uma definição de maturidade, mas não é fácil: as diferentes tentativas são mais ou menos insatisfatórias, não conseguem abranger toda a riqueza do termo. Numa ocasião, li uma ideia que nos pode ajudar: a maturidade consistiria em *tocar a nota adequada à situação, sem estridência*. Não é uma definição, mas uma imagem de como a maturidade se reflete no comportamento de uma pessoa, que atuaria como um instrumento bem afinado que intervém harmonicamente no momento oportuno da composição que está sendo executada, integrado ao conjunto e sem saídas de tom.

De fato, a pessoa madura:

- Demonstra um equilíbrio adequado entre razão, vontade e sentimentos.

¹Neste texto utilizo algumas ideias que desenvolvo mais extensamente em F. INSA, *A formação da afetividade: Uma perspectiva cristã*, Cultor de Livros, São Paulo 2021, pp. 33-71.

²F. OCÁRIZ, *Carta Pastoral*, 14 de fevereiro de 2017, n. 8, em: <https://opusdei.org/pt-br/article/carta-pastoral-prelado-opus-dei-14-fevereiro-2017>.

- É empática com as pessoas ao seu redor.
- Tem relacionamentos saudáveis com seus iguais, não tentando dominar os outros nem deixar que a dominem.
- Defende suas ideias e interesses com firmeza e respeito.
- Sabe como se adaptar às diferentes situações.
- Não se deixa levar pela precipitação diante de tarefas urgentes nem adia indefinidamente aquelas que podem esperar.
- Não fica paralisada perante os problemas, por mais sérios que sejam.
- É proativa na resolução de suas dificuldades.
- É responsável.
- Dá às coisas a importância que elas têm, sem exagerar ou minimizar.

Por outro lado, e isso é importante na tarefa de formação, a maturidade é um processo que se desenvolve ao longo da vida. Por isso é difícil encontrar *o maduro*: geralmente teremos que nos contentar com pessoas *suficientemente maduras* para as tarefas que devem realizar: um trabalho de responsabilidade, o casamento, entregar sua vida em uma determinada vocação, etc.

Em vez de teorizar sobre o conceito, eu gostaria de falar sobre os sinais de maturidade, ou seja, o que faz você dizer “esse rapaz é muito maduro” ou “este outro é imaturo”, para que possamos delimitar o problema e crescer - e ajudar os outros a crescer - adequadamente. Para isso, usarei a proposta do psicólogo americano Gordon W. Allport (1897-1967), que foi professor em Harvard e é considerado um dos pais da psicologia da personalidade³, que oferece seis critérios:

1. Extensão do sentido de si mesmo.
2. Relacionamento emocional com outras pessoas.
3. Segurança emocional.
4. Percepção realista, aptidões.
5. Auto-objetividade, autoconhecimento e senso de humor.
6. Filosofia unificadora da vida.

b) Critério zero: identidade

Começo por fazer um inciso, porque este não é um dos seis critérios de Allport, mas uma característica que ele - e muitos outros autores - mencionam em vários momentos e que, na minha opinião, é prévio.

A primeira e mais básica característica de uma personalidade madura é saber *quem eu sou*, ter um eixo X-Y-Z dentro do qual eu possa me localizar. Um recém-nascido não sabe quem é, não tem autoconsciência; pouco a pouco a desenvolverá: ele se reconhece na imagem que vê diante do espelho (como é engraçado quando um bebê luta com o seu próprio reflexo), num nome e sobrenomes, como filho de um pai e de uma mãe, como menino ou menina, como membro de uma família, de um país e de uma cultura... Forma-se, assim, um núcleo sobre o qual será possível construir uma personalidade estável.

Se, pelo contrário, faltar essa identidade, a criança começa a vida em desvantagem. Isso não significa que não será capaz de alcançar a meta de uma vida bem-sucedida e feliz, mas que terá que recuperar o terreno perdido. São conhecidas, por exemplo, as dificuldades que costumam ter os filhos adotivos ou os que cresceram em famílias desestruturadas. O problema nem sempre se reduz ao abandono ou à falta de afeto, mas muitas vezes é bem mais profundo: saber *quem eu sou*, e uma parte disso é saber quem são os meus pais, qual é a minha história, uma história que começou antes do meu próprio nascimento (uma “pré-história pessoal”, poderíamos dizer). O formador pode ser uma grande ajuda para que essas pessoas se reconciliem com sua própria biografia, saibam que não nasceram por acaso ou por um “erro” de seus pais, descubram (ajudadas pela fé) que Alguém as amou desde antes de nascerem. Isso lhes dará segurança para se comprometerem com um estilo de vida que as oriente para o que querem ser.

³G.W. ALLPORT, *La personalidad. Su configuración y desarrollo*, Herder, Barcelona 1968², pp. 329-367.

Da mesma forma, também é frequente que pessoas com alterações de identidade de gênero sofram dificuldades afetivas que vão muito além de uma eventual rejeição social. Mas vamos falar sobre isso na terceira aula.

c) Primeiro critério: extensão do sentido de si mesmo

Uma característica da criança é o *egocentrismo*, conceito distinto do egoísmo: este é um dos muitos pontos de sobreposição entre psicologia e moral. A criança tende a pensar apenas em si mesma, está focada na satisfação de suas próprias necessidades e interesses: pega o maior pedaço de bolo ou a fruta mais apetitosa; serve-se de todos os croquetes que lhe atraem, sem pensar se restarão os suficientes para os outros; não agradece porque considera que tudo lhe é devido, etc. Com tempo, educação e paciência perceberá que existem outros seres no mundo que também têm seus direitos, necessidades e interesses, e se irá abrindo a eles. Esse processo acontece sobretudo no lar e é um exemplo do valor formativo que as famílias numerosas podem ter.

A partir da adolescência, no entanto, estabelece-se o que Allport define como “uma conexão entre o indivíduo e outra pessoa, expandindo rapidamente os limites do próprio eu”. O bem de outra pessoa é tão importante para o sujeito quanto o seu próprio bem; melhor, o bem da outra pessoa é *idêntico* ao bem próprio⁴. Consequentemente, ele vive de modo diferente seus relacionamentos, amizades, ambições, ideias e hobbies, porque toma consciência de que não são coisas que giram em torno dele, mas parte de sua própria identidade.

Esse processo pode ser apreciado claramente nos esportes coletivos. À medida que se desenvolve, a criança percebe que o importante não é apenas que ela se divirta, mas que o time vença, embora isso implique às vezes em que cada jogador se sacrifique um pouco: alguém tem que jogar no gol no futebol. Sem dúvida, o jogo é um grande instrumento de educação e socialização.

O que dissemos não é válido apenas para as crianças: também o adulto deve continuar a ampliar seu *sentido de si mesmo* em diferentes áreas: a empresa, uma instituição na qual ele se comprometeu, o casamento e outros caminhos vocacionais.

Como promover esse critério de maturidade no trabalho de formação? O grande objetivo, embora genérico, seria que a pessoa saísse de si mesma e olhasse ao redor. Deixe-me apontar algumas ideias:

- Que ela descubra e aplique a *regra de ouro*: *trate os outros como você gostaria que eles o tratassem*, coisa que vai muito além de um funcionalista *do ut des*.
- Que, desde pequena, se integre num grupo, ou melhor, em vários grupos de diversos tipos: colegas de escola, de esportes, de passatempos, da paróquia... O fato de que se sintam como um membro de uma coletividade ajudará a que se interesse pelos interesses dos outros e se alegre com os seus sucessos.
- Incentivar sua sensibilidade às necessidades espirituais e materiais dos outros. Em muitas ocasiões, será possível fazer algo para as atenuar, dentro das suas possibilidades.
- Viver a prática evangélica da correção fraterna.
- Especialmente em nossa sociedade de bem-estar, é muito útil colocar as crianças, desde cedo, em contato com pessoas desfavorecidas. Será uma maneira de que valorizem o que têm e se sintam espontaneamente movidas a ajudá-las, mesmo que isso envolva um sacrifício de tempo ou dinheiro.
- Fomentar o seu sentido de pertença à Igreja: conhecer o Evangelho e a biografia dos santos, o crescimento e as dificuldades vividas pelo cristianismo em várias partes do mundo, a riqueza dos carismas e das vocações, etc.
- Aplicar esta característica às pessoas responsáveis por sua formação. Seria um erro vê-las como alguém que tenta estabelecer metas exigentes, diante das quais é preciso adotar uma certa atitude de defesa. Ao contrário, quando um educando se reconhece como o primeiro responsável por sua formação, essas tensões se dissipam: ele

⁴ALLPORT, *La personalidad*, pp. 338.

considera que o formador está “na mesma equipe”, valoriza sua dedicação, expõe-lhe com confiança as dificuldades, aprecia as correções e a ajuda que recebe para alcançar o que ele mesmo deseja: melhorar humanamente e como cristão.

d) Segundo critério: relacionamento emocional com outras pessoas

A pessoa madura é capaz de grande intimidade em sua capacidade de amar, seja na vida familiar seja numa profunda amizade. Por outro lado, foge da murmuração e não se intromete nem tenta dominar os outros, inclusive dentro de sua própria família. Tem um certo desapego em seus relacionamentos que o faz respeitar e apreciar a condição humana em todos os homens. Esse tipo de relacionamento emocional pode muito bem ser chamado de *simpatia*⁵.

Passamos da relação com uma instituição, com as pessoas em geral, para o relacionamento com as pessoas individuais. A passagem pode não ser tão fácil quanto parece à primeira vista, como nos mostra a obra imortal de Dostoiévski *Os Irmãos Karamazov*. Um dos protagonistas, o *starets Zósima*, contava a seguinte confidência que uma pessoa lhe havia feito:

Amo a humanidade, mas, para minha surpresa, quanto mais amo a humanidade em geral, menos afeto me inspiram as pessoas em particular, individualmente. Mais de uma vez, sonhei apaixonadamente em servir a humanidade, e talvez até tivesse subido o calvário por meus semelhantes, se isso fosse necessário; mas não posso viver dois dias seguidos com uma pessoa na mesma sala: sei disso por experiência própria⁶.

A pessoa madura é próxima e acessível, interessa-se pelos que estão ao seu redor, é empática e compreensiva, suporta os defeitos dos outros e também sabe ouvir àqueles que têm diferentes interesses e modos de ser. Com alguns coincide em gostos, hobbies e modos de ser, e estabelece com eles relações autênticas de amizade desinteressada que levam a um maior relacionamento, mas sem cair na exclusividade ou no fechamento aos outros.

Por outro lado, Allport alerta contra as relações de dependência afetiva, que acabam eliminando a pessoa por não respeitar a alteridade. A pessoa madura não busca se impor ou dominar, não precisa de uma comitiva de admiradores que lhe obedeçam acriticamente. No outro extremo, também não se submete aos ditames de alguém que tenta anular sua personalidade e sabe como romper um relacionamento que está se mostrando prejudicial, sem experimentar angústia de solidão ou abandono. Voltaremos a isso no capítulo dedicado à personalidade dependente.

O psicólogo de Harvard destaca uma consequência desse equilíbrio que facilitará muito a convivência: evitar “queixas e críticas constantes, ciúmes e sarcasmos [que] agem como tóxicos das relações sociais”⁷. O Papa Francisco também criticou essas atitudes várias vezes.

Aplicado à formação, vemos a conveniência de estar atentos às relações que os educandos estabelecem com seus iguais. Um padrão de dominação, de dependência ou de desapego, de amizades fechadas aos outros ou de dificuldade em estabelecer relações interpessoais, uma tendência a duras críticas ou murmurações, deve nos alertar para a possibilidade de que o jovem esteja encontrando dificuldades em atingir a plena maturidade humana e cristã.

e) Terceiro critério: segurança emocional

“Esta característica da maturidade inclui a capacidade de evitar reagir exageradamente perante coisas correspondentes a impulsos segmentais”⁸: raiva, sexualidade, medo da morte, etc.

Não é que o indivíduo esteja sempre calmo, sereno e alegre - isso não seria desejável nem maduro, porque faltaria a *reatividade emocional* -, mas que esses estados de ânimo mantenham uma proporção qualitativa e quantitativa com as circunstâncias que os causaram.

A pessoa madura expressa suas convicções e sentimentos, mas tem em mente as dos outros e não se sente ameaçada nem por suas próprias expressões emocionais nem pelas dos outros. Vive suas

⁵ *Ibidem*, pp. 340-341.

⁶ F. DOSTOIÉVSKI, *Os Irmãos Karamazov*, I, II, 4.

⁷ ALLPORT, *La personalidad*, p. 341.

⁸ *Ibidem*, p. 343.

emoções - mesmo as mais intensas - de maneira que não determinem exclusivamente o cumprimento de suas obrigações ou a convivência com os outros.

Uma qualidade particularmente importante que Allport destaca é a *tolerância à frustração*: *saber encarar, sem perder a serenidade* nem jogar tudo ao mar, os próprios erros ou os de outra pessoa. Diante das coisas que dão errado, a pessoa madura não cai na raiva, na autopiedade ou na busca de um culpado em quem descarregar a responsabilidade; ela tem uma autocrítica saudável que a leva a buscar soluções e a ter um comportamento flexível que se adapte às circunstâncias. Como se costuma dizer nos masters de negócios, *não enxerga problemas, mas desafios*. Em suma, aceita que não é perfeita, mas busca ser cada vez melhor.

Muito relacionada a essa característica é a capacidade de viver a *gratificação adiada*: perseverar no esforço em vista de uma recompensa maior do que aquela que poderia alcançar imediatamente. Como todas as conquistas que exigem sacrifício, leva a um crescimento na autoestima e na autonomia (um desapego saudável de prêmios mais ou menos materiais, da medalha ao reconhecimento).

Permito-me adicionar uma habilidade social sobre a qual Allport não fala, talvez porque seja um conceito mais recente; é a *assertividade*. Consiste na capacidade de ser fiel a si mesmo, de realizar o que se considera oportuno, independentemente de que os outros discordem, de afirmar seus direitos, de estabelecer limites em um relacionamento, de expressar emoções negativas, de dizer que algo incomodou, de saber como dizer *não* de maneira educada, vencendo tanto o impulso de responder de modo brusco quanto o medo de entristecer ou de ser rejeitado.

Na tarefa de formação, será aconselhável prestar atenção em como os interessados vivem seus estados de ânimo. Teremos que ajudá-los a evitar reservas que os levem a parecer frios e pouco empáticos, ou transbordamentos emocionais diante de sentimentos mais intensos. A serenidade diante dos obstáculos e a disposição de os superar, ativa e realista ao mesmo tempo, serão outros aspectos a ter em conta. Também será interessante ver como guardam a sua intimidade ao lidar com os outros, sem desabafar ou se confidenciar com pessoas que não podem lhes oferecer a ajuda de que precisam, porque muitas vezes essa atitude termina em queixa mútua e acarreta danos psicológicos para ambos.

Certamente, devemos ajudá-los a recorrer à oração, não como algo desesperado, mas como um recurso natural, a melhor maneira de confiar as dificuldades Àquele que sempre escuta e dá sua ajuda para as suportar com a atitude de Cristo na Cruz.

Finalmente, é preciso conhecer sua capacidade de escuta e compreensão perante as falhas dos outros. É uma atitude básica para quem está se preparando para realizar tarefas de formação e, portanto, terá que aprender a ser acolhedor com os fracos e pecadores.

f) Quarto critério: percepção realista, aptidões e tarefas

Esse traço refere-se à relação com o mundo, pois o que se refere a si mesmo será desenvolvido no critério seguinte. Allport descreve desta forma:

A pessoa saudável possui disposições (*sets*) que levam à verdade em maior grau do que nas pessoas imaturas. O indivíduo maduro não distorce a realidade para a acomodar às necessidades e fantasias do sujeito⁹.

Em suma, tem uma forma de pensar baseada na realidade das coisas. Não se refere diretamente ao raciocínio lógico ou à capacidade intelectual, mas a ter abandonado o que hoje chamamos de *pensamento mágico* próprio da criança, também chamado de raciocínio condicionado pelas emoções. A pessoa madura chega à verdade (reconhece-a e a entende) com maior facilidade que as pessoas imaturas, que tendem a distorcer a realidade para a acomodar às suas necessidades e fantasias.

Como complemento necessário a essa apreciação do mundo, Allport fala da *aptidão*, entendida como a capacidade de interagir eficazmente com o ambiente. A aptidão, por sua vez, inclui *flexibilidade e adaptabilidade* a diferentes ambientes e modos de ser daqueles que convivem com ele.

Por fim, ele menciona a “capacidade de perder a si mesmo no desempenho do trabalho”¹⁰, de resolver problemas passando por cima de critérios egoístas, recompensas, autodefesa e a satisfação

⁹ ALLPORT, *La personalidad*, p. 345.

¹⁰ *Ibidem*, p. 346.

dos próprios interesses. Essa capacidade está relacionada à *responsabilidade*. Dá origem a uma pessoa que trabalha bem, soluciona os problemas que surgem, faz uma programação do seu trabalho e a cumpre, é constante, etc.

Em resumo,

uma pessoa madura está em contato próximo com o que chamamos de "mundo real". Ele vê objetos, pessoas e situações como são. E tem diante de si uma tarefa importante¹¹.

No trabalho educativo, será necessário avaliar se o jovem percebe a realidade como ela é ou se, pelo contrário, muitas vezes se deixa levar por critérios subjetivos baseados no interesse próprio, nos mecanismos de defesa ou nos estados de ânimo. Uma boa maneira de perceber isso é prestar atenção à sua maneira de enfrentar obstáculos: se ele se deixa levar por devaneios, por uma confiança ingênua de que as coisas melhorarão por conta própria, por atrasos indefinidos à espera de situações idílicas que dificilmente ocorrerão, etc. Outra manifestação de realismo será admitir suas próprias falhas sem justificativas, o que significa um primeiro passo essencial para decidir melhorar.

Em termos positivos, teremos que ajudá-lo a colocar os problemas de forma realista e a planejar soluções de acordo com suas possibilidades, propondo metas ambiciosas, porém acessíveis, contando com a experiência dos outros e sabendo trabalhar em equipe, envolvendo-se no trabalho também quando este requer esforço e sacrifício sem se desanimar perante os obstáculos.

g) Quinto critério: auto-objetividade, autoconhecimento e senso de humor.

A origem do conceito de "autoconhecimento" (*insight* no texto original) é psiquiátrica: refere-se à consciência que tem o doente mental (especialmente o psicótico) de sofrer uma doença. Allport usa o termo num sentido mais amplo e o define como a relação entre o que a pessoa acredita ser e o que ela realmente é; como esta última característica se mostra muito difícil de definir, ele coloca em jogo um terceiro critério: o que os outros pensam da pessoa. Em suma, uma pessoa madura teria um autoconceito muito semelhante ao que têm dela os que a conhecem e amam.

A diferença entre as duas avaliações pode ir em duas direções. Por um lado, haveria um autoconceito excessivamente pobre, baixa autoestima, diríamos hoje. No extremo oposto estaria a sensação de que os outros, mesmo os mais próximos, não a conhecem bem, não a valorizam ou não a tratam como ela merece por suas qualidades. Lembre-se do famoso ditado: "O melhor negócio é comprar um homem pelo que ele vale e vendê-lo pelo que ele acha que vale".

Por outro lado, Allport aponta como experiência comum dos psicólogos que as pessoas conscientes de seus defeitos ou carências são menos propensas a atribuí-los aos outros, ou seja, a *projetá-los* (já falamos sobre esse mecanismo de defesa), portanto, serão melhores juízes dos outros e terão maior probabilidade de ser aceitos.

Uma característica que o psicólogo americano relaciona ao autoconhecimento - a ponto de considerá-lo um fenômeno único - é o senso de humor, que ele define como a capacidade de rir do que se ama (incluindo, é claro, a si mesmo e tudo o que lhe pertence) e continuar a amá-lo¹². Essa capacidade, muito diferente do mero "ser engraçado", ajuda a superar defeitos, limitações e erros - próprios e alheios - sem sofrer demasiado. Como tudo, esse humor deve ser equilibrado, porque seu excesso levaria ao cinismo; o cínico ri do que ama..., mas à custa de deixar de amá-lo.

No acompanhamento rumo à maturidade, as pessoas devem ser encorajadas a fazer duas perguntas a si mesmas: "Como os outros me veem?" e "O que eu acho dessa opinião?" Um exame sincero e realista de próprias ações e motivações será de grande utilidade. A união do autoconhecimento com o julgamento justo da realidade que vimos como quarto critério levará o sujeito a ser ambicioso e realista nas tarefas que assume: conhecerá suas aptidões (sem falsa humildade) e seus limites, admitirá suas falhas sem se justificar, terá a capacidade de planejar, saberá pedir ajuda e viverá sua carreira rumo à maturidade com espírito esportivo, sem desanimar, sempre com uma certa distância de si mesmo, que às vezes o levará a rir de seus próprios fracassos.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*, p. 349.

Especialmente nos jovens, é importante estar atentos à *tiranía das expectativas*: o que o sujeito pensa que os outros (pais, professores, formadores, superiores, etc.) esperam dele. Essa expectativa, que nem sempre coincide com a realidade, pode tensioná-lo muito e levá-lo a ter um esforço voluntarista e, acima de tudo, alienante porque - provavelmente com a maior boa vontade - ele não estaria buscando seu próprio aperfeiçoamento humano e espiritual, mas satisfazer os desejos dos outros, desejos que talvez ele não entenda ou mesmo não compartilhe. Mesmo que pareça um trava-línguas, devemos evitar uma distância excessiva entre o que *sou*, o que *poderia ser*, o que *gostaria de ser*, o que *acho que deveria ser* e o que *os outros me dizem que deveria ser*.

A maneira de conviver com os erros dos outros será outro indicador não só de como o educando vive a fraternidade, mas também de como ele se conhece: aqueles que se sabem com defeitos não ficarão surpresos ao descobrir que os outros também os têm.

h) Sexto critério: filosofia unificadora de vida

Chegamos finalmente à última característica da personalidade madura, que Allport define como uma filosofia capaz de unificar o sentido da vida, formulada em forma de um sistema de valores. Tal filosofia levaria ao fim (ou fins) para o qual a pessoa escolheu viver, que direciona suas ações e dá um significado unitário a toda a sua existência (por exemplo, um cristão, um pacifista, um ecologista, um comunista...); é por isso que ele a chama de *orientação de valores*. Pode haver vários ao mesmo tempo, mas geralmente existe um que está à frente e ao qual os outros estão subordinados.

Tenta agrupar essas concepções em *esquemas de compreensibilidade*. Seriam modos de vida definidos a partir das principais ideologias ou correntes de pensamento que podem ser encontradas na sociedade, que nos permitem compreender - sem tipificar - o que move uma pessoa concreta e avaliar o quanto ela está avançando na busca de seus objetivos vitais, bem como quantificar sua coerência com eles. Obviamente, esses esquemas não esgotam toda a realidade nem existem de forma pura, e sua classificação variará entre os autores.

Allport define seis esquemas:

- *teórico*: busca da verdade.
- *utilitário*: busca do útil;
- *estético*: busca de forma e harmonia;
- *social*: busca do amor;
- *político*: busca do poder
- *religioso*: busca da unidade.

Podemos dizer que a atitude cristã, o *esquema de compreensibilidade* (usando a linguagem deste autor) que deveria ser fomentado seria uma mistura do social (horizontal) e do religioso (vertical), sem excluir elementos dos outros quatro. Ele não se fechará em suas opiniões nem desprezará aqueles que não compartilham de sua visão de mundo. Pelo contrário, buscaria a união com um Deus Trino com quem se pode ter um relacionamento amoroso e pessoal.

Este esquema pode ser proposto, nunca imposto. Cada indivíduo deve descobrir seu caminho e decidir livremente aderir a ele. A tarefa do formador é apresentar um ideal de vida e fazê-lo de uma forma atraente e acessível. A graça de Deus e a correspondência da pessoa farão o resto.

A adesão a essa filosofia de vida não consiste em uma mera escolha, como alguém que vai a uma loja de roupas e compara uma peça com outra para ver qual lhe cai melhor. Pelo contrário, tem algo de busca ativa por algo muito íntimo: perguntando que tipo de pessoa eu quero ser, que ideal me atrai, o que me preenche, o que é melhor para mim e como posso ser mais útil para os outros. Implica também um certo compromisso, uma vez que alcançar aquela vida que parece conveniente requer um certo esforço.

O *esquema de compreensibilidade* deve ser a base da *unidade da vida*, que não é apenas um conceito religioso, mas também psicológico (embora aqui seja chamado de *coerência*). Levará a pessoa a agir de acordo com seus valores, a interiorizar o que escuta de seus educadores até torná-lo seu, a saber renunciar às coisas sem perder a serenidade ou cair em nostalgia, porque sabe que escolheu a melhor parte (cfr. Lc 10,42).

Por fim, também pode servir como um medidor de coerência. Se alguém escolheu livremente um estilo de vida e o interiorizou conscientemente, será fácil fazer-lhe ver que certos comportamentos, ambientes, etc. não são compatíveis e podem levá-lo a uma dupla existência que só lhe traria infelicidade.

Essa busca do ideal é compatível com ser realista. Allport diz que, ao experimentar a distância entre o que aspira e o que realmente é, a pessoa madura raciocinará da seguinte maneira: "Tenho o dever de tentar, tanto quanto possível, ser o tipo de pessoa que sou parcialmente e espero ser completamente"¹³.

i) Da maturidade à identificação com Cristo

Os seis critérios de maturidade que Gordon Allport propõe abrangem aspectos do relacionamento consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Encaixam-se, portanto, na definição de personalidade que vimos no capítulo anterior e também incluem muitos fatores herdados e adquiridos, conscientes e inconscientes, que influenciam o modo de ser.

Allport apresenta-os como um processo de crescimento, um caminho que leva a sair de si mesmo e esquecer do próprio eu. Concordam, portanto, com o ideal cristão e são práticos e úteis para a tarefa de formação, uma vez que sua avaliação pelos educadores representará um sólido ponto de apoio para fixar objetivos nos quais melhorar ao longo da vida.

Ao apontar para a maturidade, não se deve esquecer que a força principal vem da graça de Deus e que o objetivo primário da formação cristã - diferente da finalidade de qualquer teoria psicológica - é muito mais do que ser uma pessoa equilibrada: o cristão aspira à santidade, a uma vida de amor a Deus e aos homens cujo modelo é Jesus Cristo.

O equilíbrio que essa maturidade reflete fará com que o jovem e depois o adulto saibam reagir adequadamente aos fatores estressantes que inevitavelmente encontrarão, dando às coisas a importância que elas têm, nem mais nem menos.

3. Temperamentos

a) Temperamento, caráter e personalidade

Os estudiosos da personalidade geralmente distinguem duas dimensões: temperamento e caráter.

O *temperamento* é um conjunto de características de origem biológica, hereditária, genética, hormonal, etc. Inclui o nível basal de atividade (como a marcha lenta dos carros que, ao ser acionada, produz mais ou menos revoluções) e se manifesta em maior ou menor grau de ansiedade, reatividade, busca de ação, introversão ou extroversão, etc. É a parte menos moldável da personalidade: morreremos assim... embora possamos melhorá-la com tempo, esforço e paciência. Não é propriamente inata: desenvolve-se até os dois anos, que é o tempo em que todos esses fatores (que já estão em interação com o meio) se sedimentam. Por esta razão, os gêmeos absolutamente não são idênticos em sua maneira de ser.

Por outro lado, o *caráter* abrange as características que são adquiridas na família, na educação, nos valores assimilados, na cultura, nas relações interpessoais, nas decisões e no esforço pessoal, etc. É um processo dinâmico que se retroalimenta, porque, ao enfrentar novas situações, descubro novas estratégias, por acaso ou por imitação de outros. Desta forma, coloco em funcionamento mecanismos que se aperfeiçoam, que me reafirmam e me levam a ajustá-los para crescer em eficácia... ou que fracassam e complicam cada vez mais um desenvolvimento saudável. O caráter é mais suscetível a mudanças, o que não significa que seja fácil de modificar.

A soma das duas dimensões é chamada de *personalidade*, e é o que podemos apreciar no sujeito.

¹³*Ibidem*, p. 362.

b) Traços de personalidade

Um dos modelos para estudar a personalidade é dissecá-la, como o entomologista faz com os insetos. Assim, encontramos unidades chamadas *traços*, que podem ser definidas como *disposições relativamente estáveis para reagir de uma determinada maneira*. Como acontece ao estudar os órgãos de um ser vivo, o todo é mais do que a soma das partes: não podemos entender a personalidade como um simples agregado de traços, mas como a interação ordenada deles.

Alguns tendem a se associar, como fica evidenciado por estudos estatísticos, enquanto outros permanecem bastante independentes. Por exemplo, uma pessoa perfeccionista costuma ser insegura, ansiosa e rígida, mas pode ser mais ou menos extrovertida. Dentro dessa associação, alguns podem ser chamados de *nucleares*, enquanto outros são, mais propriamente, derivados. Continuando com o mesmo exemplo, a insegurança seria um traço nuclear, enquanto o perfeccionismo, o desejo de controle, a ordem, etc. seriam derivados. É por isso que alguns consideram que, no estudo da personalidade, devemos aprofundar tal como com as *camadas de cebola*, partindo dos traços mais superficiais até chegar aos nucleares, o que nos permite entender o sujeito em seus aspectos mais profundos (positivos e negativos). Isso tem repercussões práticas importantes: se quisermos ajudar um perfeccionista, teremos que ajudá-lo a lidar com sua insegurança.

Muitos traços apresentam-se como os extremos de um *continuum*: introvertido/extrovertido, ativo/passivo, intuitivo/reflexivo, autônomo/dependente, flexível/rígido, conservador/aberto à novidade, etc. É normal sentir-se mais ou menos próximo de um ou de outro componente desses pares de elementos, mas aquele que está completamente no extremo costuma ter dificuldades significativas de adaptação na vida. São os transtornos de personalidade, que serão abordados no último capítulo do livro.

O estudo dos traços de personalidade permite conhecer mais profundamente as pessoas e auxilia a concretizar o modo de as ajudar a melhorar sua maneira de ser e de se relacionar.

c) OCEAN: os big five da personalidade

Muitos autores tentaram realizar estudos estatísticos para reduzir a personalidade a algumas dimensões básicas, independentes umas das outras: pontuar mais intensamente em um traço de uma dessas dimensões não implicaria em pontuar mais ou menos em outro traço de uma dimensão diferente.

Vários desses pesquisadores, trabalhando de forma independente em diferentes centros, coincidiram em que os traços de personalidade podem ser agrupados em cinco grupos independentes. São os *big five*, conhecidos pela sigla OCEAN, cujos principais promotores são os psicólogos norte-americanos Robert McCrae e Paul Costa¹⁴. A personalidade de cada indivíduo poderia ser determinada com base em sua pontuação em cada um, o que seria apreciável desde a infância, sugerindo um importante componente genético (temperamental) que é ainda mais relevante na extroversão e no neuroticismo.

A Tabela 1 mostra na primeira coluna os cinco traços com seu nome original em inglês e, a seguir, sua tradução para o português, os dois extremos desse traço e alguns traços derivados.

<i>Openness</i>	<i>Conscientiousness</i>	<i>Extraversion</i>	<i>Agreeableness</i>	<i>Neuroticism</i>
Abertura à mudança	Responsabilidade	Extroversão	Cordialidade	Neuroticismo

¹⁴ Cfr. R.R. MCCRAE, P.T. COSTA, *The NEO Personality Inventory Manual*, Psychological Assessment Resources, Odessa (FL) 1985; IDEM, *Validation of the five-factor model of personality across instruments and observers*, «Journal of Personality and Social Psychology» 52 (1987) 81-90; R.R. MCCRAE, P.T. COSTA, T.A. MARTIN, *The NEO-PI-3: A More Readable Revised NEO Personality Inventory*, *Journal of Personality Assessment*, «Journal of Personality Assessment» 84 (2005) 261-270; R.R. MCCRAE, P.T. COSTA, *Personality in Adulthood. A Five-Factor Theory Perspective*, The Guilford Press, Nova York-Londres 2005².

Inventivo vs. cauteloso	Conscienzioso vs. despreocupado	Extrovertido vs. introvertido	Afável vs. desapegado	Sugestionável vs. equânime
Fantasia	Competência	Cordialidade	Confiança	Ansiedade
Estética	Ordem	Gregarismo	Franqueza	Hostilidade
Sentimentos	Sentido do dever	Assertividade	Altruísmo	Depressão
Ações	Necessidade de realização	Atividade	Atitude conciliatória	Ansiedade social
Ideias	Autodisciplina	Busca de emoções	Modéstia	Impulsividade
Valores	Deliberação	Emoções positivas	Sensibilidade para com outros	Vulnerabilidade

Tabela 1. Os *big five* da personalidade.

A seguir, estudaremos as principais características de cada extremo. Tentaremos mostrar que cada um deles tem algumas vantagens e inconvenientes nos três tipos de relacionamentos que vimos (consigo mesmo, com o mundo e com os outros).

c.1. Openness ou Abertura à mudança

O *inventivo* caracteriza-se por uma imaginação ativa e criativa, sensibilidade estética (frequentemente, gosta de arte) e originalidade. Aprecia a variedade, a aventura e a novidade, a ponto de às vezes buscar novidades peculiares ou que são chocantes para os outros. Caracteriza-se por uma curiosidade intelectual em relação ao mundo exterior e interior que o leva a tomar maior consciência dos sentimentos próprios e alheios. Tende à independência de julgamento, ao idealismo, à defesa de valores não convencionais e costuma se mostrar liberal e tolerante com maneiras de ser diferentes das suas. É menos influenciável por preconceitos e menos autoritário e dominante.

Como vantagens, costuma ser especialmente capacitado para *lidar com pessoas* e realizar iniciativas inovadoras.

Mas também tem seus inconvenientes: é difícil para ele perseverar em tarefas monótonas e, devido à sua grande sensibilidade, pode ser mais propenso ao sofrimento. É mais imprevisível e tem maior probabilidade de cair em comportamentos perigosos, incluindo o uso de drogas.

O *cauteloso*, pelo contrário, prefere o que lhe é familiar à novidade, o simples e óbvio ao complexo, ambíguo ou sutil. Ele tende a andar “com os pés no chão” e a ser convencional em seu comportamento e aparência. Resiste a novas experiências e pode manifestar fechamento para mudanças e novidades. Consequentemente, sua gama de interesses é mais limitada e pode olhar com suspeita a arte e as atividades não convencionais, considerando-as inúteis e não práticas.

Isso o torna idôneo para *lidar com coisas* e para desenvolver atividades que já estão em andamento, nas quais pode perseverar por muito tempo na mesma função.

Pelo contrário, pode mostrar pouca empatia, especialmente com pessoas mais inconstantes. É mais propenso a cair na rigidez e no dogmatismo, menos adaptável e com tendência a dar a mesma resposta perante situações diferentes.

c.2. Conscientiousness ou Responsabilidade

A *pessoa conscienciosa* é caracterizada por um alto sentido do dever; é perseverante, responsável, pontual, escrupulosa, voluntariosa e determinada. Possui grande capacidade de ordem, autocontrole e disciplina, tanto na gestão de seus próprios impulsos quanto no cuidadoso planejamento, organização e execução de tarefas e metas.

Consequentemente, é muito eficaz na resolução de problemas, atinge altos níveis de sucesso e é altamente valorizado pelos outros como inteligente e confiável. Geralmente alcança maior estabilidade social, profissional e familiar.

Por outro lado, tem maior facilidade de cair no perfeccionismo, na dependência do sucesso, no vício do trabalho (*workaholism*) e na síndrome do *burnout*.

O *despreocupado*, pelo contrário, é mais flexível, espontâneo e informal. Ele tende a negligenciar suas tarefas ou deixá-las para mais tarde e não costuma se estressar. Presta mais atenção aos seus próprios desejos e necessidades do que às obrigações que vêm de fora.

Sua principal vantagem é que ele gerencia sua vida com base no que quer e não tanto nas obrigações que lhe são impostas de fora. Por não ter tudo muito regulado, desenvolve mais a capacidade de improvisação.

Para isso, tem que pagar um preço: uma vez que ele tende a negligenciar suas obrigações, os outros o consideram não confiável e é mais difícil para ele alcançar o sucesso social. Sofre com mais frequência de problemas no trabalho e seu caráter autônomo pode levá-lo a ter comportamentos de risco.

c.3. Extraversion o *Extroversão*

O *extrovertido* caracteriza-se por uma alta sociabilidade e compromisso com o mundo. Possui boas habilidades sociais, que coloca em prática com pessoas muito diversas. É assertivo, falante, ousado em situações sociais. Busca a companhia de outras pessoas, torna-se visível e se sente confortável em eventos multitudinários. Os outros o veem cheio de energia, pois tem grande capacidade de vivenciar e fazer vivenciar emoções positivas como alegria, satisfação, entusiasmo, excitação, etc. Gosta de trabalho em equipe, no qual emerge facilmente como líder. Sua gama de atividades é ampla, mas superficial; ele tende a evitar a solidão, pois isso o faz sentir-se entediado e desmotivado: é muito dependente da estimulação externa.

Evidentemente, o aspecto mais positivo dessas pessoas é sua habilidade social, sua capacidade de construir equipes e sua capacidade de liderança.

Mas ele pode cair na superficialidade, já que muitas vezes precisa de *reforço social* para cumprir suas obrigações e produz pouco e com desprazer quando tem que trabalhar sozinho.

O *introverso*, por outro lado, é reservado, introspectivo, tranquilo, calado; prefere observar em vez de participar ativamente, pensa antes de falar. Gosta de contato social, mas em pequenos grupos e em ambientes de confiança, enquanto se sente desconfortável em lugares muito frequentados e tem dificuldade em estabelecer relacionamentos com desconhecidos. Ele prefere trabalhar sozinho e se dedicar a atividades individuais, como ler, escrever ou meditar; costuma ter uma gama menor de interesses e se dedicar a eles com profundidade. É autônomo e persevera em suas tarefas, independentemente do reforço de outras pessoas, do reconhecimento social, etc.

Essas pessoas alcançam alta performance em atividades que exigem reflexão, empenho e muita dedicação para dar frutos apenas no longo prazo. Suas amizades são menos numerosas, mas mais profundas. Como não depende do reconhecimento dos outros, mantém seus valores e ideais, mesmo que exijam que vá contra a corrente. É mais reflexivo e menos dependente dos outros para cumprir suas obrigações.

Em troca, seu déficit de habilidades sociais pode levar a uma certa tendência ao isolamento.

c.4. Agreeableness ou *Cordialidade*

O *afável* caracteriza-se por um modo de ser amável, empático, altruísta, confiado, modesto, sensível aos outros, conciliador e solidário. Tem um talento especial para o trabalho em equipe e, geralmente, é bem considerado pelos outros. É fácil para ele ceder em suas opiniões para buscar consenso.

Uma pessoa assim tem grande facilidade para estabelecer relacionamentos amigáveis, incentivá-los entre outros e criar um clima de trabalho e convivência agradável.

No entanto, pode ser custoso para ele contrariar os outros, por exemplo, corrigi-los ou manter opiniões minoritárias; isto pode ser um problema para que ocupe posições de formação ou de governo e pode dificultar manter seu ideal de vida em ambientes adversos.

O desapegado, por sua vez, é menos sensível às necessidades afetivas dos outros. É abrupto, cético e competitivo, tende a colocar o interesse próprio acima do bom relacionamento com os outros. Consequentemente, ao trabalhar em equipe, pode gerar relações hostis nas quais nem ele nem os outros se sentem confortáveis, ser considerado egocêntrico e pouco empático.

Dentre as vantagens desse modo de ser destaca-se a capacidade de ir contra a corrente, mantendo e manifestando seus ideais apesar de não ser considerado *politicamente correto*. Sendo mais autônomo, pode se concentrar e realizar muito em suas ocupações, desde que elas não exijam trabalho em equipe.

No entanto, tem um alto risco de cair no narcisismo, no cinismo e na manipulação. Tende a sofrer rejeição social e isolamento.

c.5. Neuroticism ou Instabilidade emocional

O sugestionável é caracterizado por altos níveis de ansiedade que o fazem viver com intensidade sentimentos de repulsa, raiva, irritabilidade, tristeza, medo, preocupação, desprezo, ódio, frustração, ciúme, inveja e culpa. Ele é muito sensível aos eventos positivos ou negativos do dia, por isso sofre frequentes oscilações de humor. Ele interpreta eventos de forma dramática, os obstáculos comuns como ameaçadores, as dificuldades habituais como obstáculos intransponíveis e as pequenas frustrações como grandes fracassos. Pode ter problemas para controlar os impulsos e atrasar a gratificação.

Quando está sereno, sua grande riqueza emocional torna-o muito empático e fácil de lidar.

No entanto, a médio prazo, sua tendência à teatralidade pode repelir os outros.

O equânime, por fim, tende ser tranquilo, mostra-se animicamente estável e livre de sentimentos negativos persistentes (o que não implica em que experimente muitos sentimentos positivos). É menos provável que se sinta tenso ou nervoso e consegue manter a calma em situações de pressão.

Sua estabilidade garante um bom nível de funcionamento, independentemente de fatores externos, e o torna ideal para a “gestão de crises”.

Ao lidar com os outros, no entanto, pode ser pouco atraente, dando uma imagem de frieza e falta de empatia.

d) Aplicação à própria vida e à tarefa de formação

Seguindo o exemplo do entomologista que colocamos quando começamos a falar sobre os traços, estes não esgotam o que a pessoa é, pois a asa de uma borboleta vista sob o microscópio não define a borboleta, embora nos ajude a conhecê-la. Se pretendemos entender um sujeito, não podemos perder a visão geral: devemos ver a pessoa, não o perfeccionista, o tímido, o sugestionável, etc. A pessoa é um mistério e tudo o que apresentamos neste capítulo são reducionismos metodológicos, focos para estudá-la de uma perspectiva ou de outra.

Provavelmente ao ler os cinco grandes blocos dos *big five* o leitor terá se identificado (e terá identificado seus conhecidos) mais ou menos com cada um e terá se colocado em um ponto intermediário, mais ou menos próximo de um dos extremos. Da mesma forma, terá reconhecido que seu *locus de controle* é mais interno ou externo e que utiliza *mecanismos de defesa*. Não é apenas normal, mas saudável. A única preocupação seria se identificar apenas com os extremos ou comprovar que só emprega um ou dois mecanismos de defesa para lidar com todos os seus problemas.

Todos nós temos esses traços em maior ou menor grau e sua interação é o que dá origem a uma personalidade rica. Quanto mais traços bem desenvolvidos se tenha e quanto mais se saiba aplicá-los de modo oportuno a cada circunstância, melhor será a adaptação a diferentes situações. Eles são como as roupas, que são usadas dependendo da atividade a ser realizada (uma entrevista de emprego, uma visita informal, um momento de esporte) e das condições externas (frio, calor, chuva). Cada traço tem uma utilidade limitada, somente o seu conjunto é funcional. Em si não são bons nem maus, o importante é que sejam variados e usados no momento oportuno: parafraseando o livro de Qohélet, há momentos para ser reflexivo e momentos para agir, para ser flexível e para ser intransigente, para falar e para calar...

Em suma, uma personalidade equilibrada conhece-se e tem domínio de si mesma para dizer *agora não reagirei dessa maneira, mesmo que seja o meu primeiro impulso*. Independentemente dos nossos genes e da nossa biografia, sempre desfrutamos da liberdade dos filhos de Deus. (cfr. *Romanos* 8, 21): somos livres para resistir e responder de outra forma mais de acordo com a caridade, a educação, as normas sociais, as obrigações profissionais, etc. Ou, pelo menos, podemos perceber *a posteriori* que uma certa reação não foi a mais apropriada, reconhecer humildemente que nos equivocamos e fazer o propósito de nos comportarmos de forma diferente na próxima ocasião.

Isso melhora a personalidade, algo que é possível em qualquer momento da vida. Sem buscar mudanças radicais, sem perder as *vantagens* do nosso próprio modo de ser, podemos evitar os *inconvenientes* e ser mais flexíveis, mais adaptáveis às diferentes pessoas e circunstâncias que encontraremos ao longo de nossas vidas.

O estudo dos traços e mecanismos de defesa pode ajudar a delimitar as próprias carências e, no caso das pessoas que têm tarefas de educação e formação, também as das pessoas que delas dependem. Evite generalizações que raramente ajudam: em vez de “você tem um caráter ruim, com sua maneira de ser você não serve para essa tarefa”, você pode dizer “esse traço de seu caráter dificulta o cumprimento de suas tarefas ou a convivência com os outros”. E, acima de tudo, ajudam a *focar o tiro*, a estabelecer metas concretas, avaliáveis, ambiciosas e realistas, um programa individualizado de melhoria que não busca mudanças radicais (que geralmente não são necessárias e que, também geralmente, são impossíveis), mas *ajustes* na maneira de ser e de se comportar.

Por fim, o que estudamos também é útil para a organização de pessoas e equipes. Vimos que a personalidade torna alguém mais apto para algumas tarefas e menos apto para outras. Na verdade, é algo que influencia a escolha dos estudos, o trabalho profissional, os gostos pelo entretenimento e diversão e até condiciona a aptidão para se dedicar às tarefas de formação. Consequentemente, ao distribuir encargos ou ao procurar as pessoas mais adequadas para o cumprimento de uma determinada tarefa, será necessário levar em conta sua maneira de ser, o que facilitará não apenas que elas a cumpram melhor, mas também o façam de uma maneira que poderíamos dizer conatural e, portanto, mais agradável: elas se sentirão mais confortáveis ao realizá-la.

4. Virtudes e Vícios

Queria comentar apenas uma breve reflexão sobre o último dos pontos que foram propostos no título desta aula.

O homem tende para o bem. Por outro lado, ninguém em sã consciência procura o mal para si mesmo, e se parece que o está procurando é porque quer escapar de outro mal que lhe parece ainda maior. Pensemos em uma pessoa que quer tirar a própria vida ou que pede a eutanásia. Na minha experiência, esse gesto implica um grito que podemos enunciar assim: “Não posso continuar a viver *assim*”. O *assim* é o grande mal que quer cancelar, mesmo à custa de perder a vida.

Bem, no nosso trabalho pastoral encontramos muitas pessoas que fazem o mal a si mesmas: violência, drogas, pornografia... Como ajudá-las a sair dessas situações que muitas vezes as aprisionam? Entrando um pouco no interior da pessoa - em sua totalidade - e vendo qual é o mal do qual ela quer fugir e propondo-lhe outras vias de fuga mais saudáveis.

Vou ilustrar com um exemplo, e com isto eu termino. Um jovem universitário aproximou-se de mim, desanimado por ter tido um problema de castidade usando a internet. Periodicamente, conversávamos tínhamos conversas de direção espiritual. Então, além de atender a sua confissão, perguntei-lhe o que o havia levado àquela queda. Respondeu que estava no período de exames, muito tenso e esticando ao máximo a sua jornada de estudo. Naquela noite, depois do jantar, ele se forçou a voltar aos livros para estudar algumas horas. Estava exausto depois de todo o dia de trabalho, não conseguia se concentrar e se distraía com o celular. E assim foi de um conteúdo para outro até chegar aos imorais. Concluimos que teria sido melhor ter parado de estudar e dedicado aquele tempo (em que, de qualquer modo, o estudo não rendia) a alguma atividade agradável que o teria ajudado a relaxar, dormir mais facilmente e retornar descansado ao estudo no dia seguinte.

A resposta nem sempre será tão fácil, mas vale a pena tentar, contando sempre com o querer do interessado, para levar toda a pessoa (corpo, alma e espírito) ao encontro com Deus.